

Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 7)

Serra do Pilar, 12 maio 2016

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos (17,22-32)

De pé, no meio do Areópago [de Atenas], Paulo disse:

Atenienses! Vejo que sois os mais religiosos dos homens. Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com esta inscrição: «Ao Deus desconhecido». Pois bem! O que vós venerais sem conhecer é quem eu vos anuncio.

O Deus que criou o Mundo e tudo quanto nele se encontra, o Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários construídos pelas mãos dos homens nem é servido por mãos humanas como se precisasse de alguma coisa. É ele quem nos dá a vida, a respiração e tudo o mais. Fez, a partir de um só homem, todo o género humano, para que habitasse toda a face da terra; e fixou a sequência dos tempos e os limites para a sua habitação, a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo mesmo às apalpadelas, embora Ele se não encontre longe de cada um de nós. É nele que, realmente, vivemos, nos movemos e existimos, como disseram alguns dos vossos poetas: “Nós somos da sua estirpe”. Se nós somos da raça de Deus, não podemos admitir que a Divindade seja semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e engenho do homem. Não levando em conta estes tempos de ignorância, Deus faz saber agora a todos os homens e em toda a parte que todos têm de se arrepender, pois fixou um dia em que julgará o Universo com justiça, por intermédio de um Homem que designou, oferecendo a todos um momento de crédito, pelo facto de o ter ressuscitado dos mortos.

Ao ouvi-lo falar de ressurreição dos mortos, uns começaram a gozar, enquanto outros disseram: *Está bem, está bem! A gente escuta-te para a próxima!*

Salmo 148 - Louvai a Deus, céus e terra

Laudate, omnes gentes, laudate Dominum!

Louvai ao Senhor no alto dos céus,
louvai-o na vastidão do firmamento.
Louvai-o, todos os seus anjos,
louvai-o, todos os seus mundos!

Louvai-o, sol e lua,
louvai-o, todos os astros luminosos.
Louvai-o, céus dos céus
e águas que estão acima dos céus!

Louvem todos o nome do Senhor,
porque às suas ordens todos foram criados.
Ele tudo fixou para sempre,
a todos deu uma lei que jamais passará!

Da terra, louvai o Senhor,
monstros marinhos e todos os abismos;
fogo e granizo, neve e neblina,
vento de tempestade que realiza a sua palavra;

montanhas e colinas,
árvores de fruto e todos os cedros;
feras e animais domésticos,
répteis e pássaros que voam;

reis e povos do mundo, príncipes e todos os juízes da terra,
jovens e donzelas, velhos e crianças,
louvem todos o nome do Senhor,
porque o seu nome é sublime!

A sua majestade está acima do céu e da terra
e exaltou a força do seu povo.
Louvem-no todos os seus fiéis,
os filhos de Israel, seu povo eleito!

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.
Sua vontade seja feita sobre a Terra,
sobre a Terra como no Céu!

A alegria do amor

Para se entender adequadamente por que é possível e necessário um discernimento especial nalgumas situações chamadas «irregulares», há uma questão que sempre se deve ter em conta, para nunca se pensar que se pretende diminuir as exigências do Evangelho. A Igreja possui uma sólida reflexão sobre os condicionamentos e as circunstâncias atenuantes. Por isso, já não é possível dizer que todos os que estão numa situação chamada «irregular» vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante. Os limites não dependem simplesmente dum eventual desconhecimento da norma. Uma pessoa, mesmo conhecendo bem a norma, pode ter grande dificuldade em compreender «os valores inerentes à norma» ou pode encontrar-se em condições concretas que não lhe permitem agir de maneira diferente e tomar outras decisões sem uma nova culpa. Como bem se expressaram os Padres sinodais, «pode haver fatores que limitam a capacidade de decisão». E São Tomás de Aquino reconhecia que alguém pode ter a graça e a caridade, mas é incapaz de exercitar bem alguma das virtudes, pelo que, embora possua todas as virtudes morais infusas, não manifesta com clareza a existência de alguma delas, porque a prática exterior dessa virtude está dificultada: «Diz-se que alguns Santos não têm certas virtudes, enquanto experimentam dificuldade em pô-las em ato, embora tenham os hábitos de todas as virtudes».

...

Por isso, um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações «irregulares», como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem até por detrás dos ensinamentos da Igreja «para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas». Na mesma linha se pronunciou a Comissão Teológica Internacional: «A lei natural não pode ser apresentada como um conjunto já constituído de regras que se impõem a priori ao sujeito moral, mas é uma fonte de inspiração objetiva para o seu processo, eminentemente pessoal, de tomada de decisão». Por causa dos condicionalismos ou dos fatores atenuantes, é possível que uma pessoa, no meio duma situação objetiva de pecado – mas subjetivamente não seja culpável ou não o seja plenamente –, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja. O discernimento deve ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites. Por pensar que tudo seja branco ou preto, às vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento e desencorajamos percursos de santificação que

dão glória a Deus. Lembremo-nos de que «um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades». A pastoral concreta dos ministros e das comunidades não pode deixar de incorporar esta realidade.

...

Todavia, da nossa consciência do peso das circunstâncias atenuantes – psicológicas, históricas e mesmo biológicas – conclui-se que, «sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia», dando lugar à «misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível». Compreendo aqueles que preferem uma pastoral mais rígida, que não dê lugar a confusão alguma; mas creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objetiva, «não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada». Os pastores, que propõem aos fiéis o ideal pleno do Evangelho e a doutrina da Igreja, devem ajudá-los também a assumir a lógica da compaixão pelas pessoas frágeis e evitar perseguições ou juízos demasiado duros e impacientes. O próprio Evangelho exige que não julgemos nem condenemos (cf. Mt 7, 1; Lc 6, 37). Jesus «espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente».

(Números 301, 305 e 308 da Exortação Apostólica - *A alegria do amor* — do Papa Francisco, publicada em 19 de Março de 2016)

Oremos(...)

Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
que nos chamaste e nos mandaste:
dá-nos a pressa e a paz,
o empenhamento e a liberdade,
o repouso e o labor,
para fazermos quanto somos!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!

Ámen!